

“Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco”

“Se você não consegue entender o meu silêncio, de nada irá adiantar as palavras, pois é no silêncio das minhas palavras que estão todos os meus maiores sentimentos.”

Oscar Wilde

A análise de conteúdo do discurso dos sujeitos se deu somente após a transcrição e estudo atento de todas as entrevistas. Assim, foi possível termos uma visão geral a respeito de cada categoria explorada nesta dissertação, sendo possível avaliar a fala dos entrevistados e, dialogando com o aporte teórico usado ao longo da dissertação, detectar sentimentos e conflitos existentes a respeito dos temas propostos. Com isso, foi possível verificar, por exemplo, que o binarismo hetero/homossexualidade pouco responde às questões do estudo da homoparentalidade.

Apesar de já terem sido casados com mulheres, os pais entrevistados formaram novas famílias com parceiros do mesmo sexo, embora nenhum deles tenha se auto-denominado bissexual. Roberto, um dos companheiros, afirma categoricamente que, apesar de estar em uma relação com um homem, não vê impedimento em uma possível relação sexual com uma mulher a fim de também ter um filho, o que confirma nossa aposta na flexibilização das identidades.

A idéia de felicidade conjugal também foge ao binarismo acima citado. Todos os pais tiveram casamentos heterossexuais tradicionais com filhos, mas não expressaram sentir grande diferença destes casamentos para suas relações atuais, a não ser pelo fato de o companheiro ser do mesmo sexo, sem que isto interferisse na dinâmica da relação.

As categorias encontradas na análise dos dados são fruto do discurso dos entrevistados, possibilitaram “tornar visíveis as características internas geradas pela experiência em um determinado grupo social”. (Costa, 1999). Ou seja, sua construção social é visível à medida que tais categorias se tornem visíveis nos resultados obtidos. Além disso, algo dito repetidas vezes pelo entrevistado deixa claro sua relevância para a subjetividade daquele sujeito em particular e, possivelmente, para o grupo por ele representado (Costa1999), ao contrário das

contradições que surgem em seu discurso. Estas, por sua vez, nos revelam contradições entre o que é dito e a realidade do sujeito, mostrando possíveis transformações em curso, já que períodos de mudanças propiciam choques entre a nova realidade e valores anteriormente internalizados pelo grupo estudado.

A partir dos discursos dos sujeitos surgiram as seguintes categorias de análise: co-parentalidade, desejo por um filho biológico a partir da experiência co-parental, relação do casal com os filhos e a postura co-parental, preconceito em relação à co-parentalidade homossexual e paternidade homossexual.

5.1

Análise das Categorias

5.1.1

Co-parentalidade: O bebê está chorando! E agora?

A paternidade, como vimos anteriormente, já não implica necessariamente parentesco ou laços biológicos, sendo muitas vezes comum nas famílias recompostas o papel parental masculino ser exercido pelo novo marido da mãe.

Nos casais homossexuais também acontece o mesmo: o companheiro do pai, mesmo que não diariamente, se envolve no cotidiano da criança e, em alguns casos, exerce uma função parental de modo bastante presente, o que se convencionou chamar de *co-parentalidade*. Vemos assim como as configurações heteronormativas e homoparentais se aproximam, levando os teóricos *queer* a reavaliar os discursos que produzem os saberes sexuais e organizam a vida social, assim como explorar cuidadosamente a interpedendência da homo/heterossexualidade.

O interesse em pesquisar a co-parentalidade surgiu do fato de todos os companheiros dos pais entrevistados terem demonstrado o desejo de também se tornarem pais. Contudo, estes mesmos sujeitos dizem estar sendo muito importante a experiência da co-paternidade antes de tomarem tal decisão. Um sentimento muito comum, paradoxalmente, é o de “expectador” e o de exclusão. As conseqüências desse sentimento estão para além da relação do casal, já que colabora para a perpetuação do contexto de exclusão social e sexual. Sedgwick (2007) explica que qualquer empreendimento na cultura ocidental será incompleto

e prejudicado na medida em que não incorpore uma análise crítica da definição contemporânea de homo/heterossexual, ou na visão *queer*, da relativização destes conceitos. Para Sedgwick nosso senso comum é caracterizado por uma forte recusa da homossexualidade, recusa esta corroborada pelo binarismo.

Roberto (31) parece assistir à paternidade do companheiro. Seu discurso é muito marcado por um desconhecimento a respeito das tarefas que uma criança pequena impõe.

Fica a pergunta se este desconhecimento se deve a um desinteresse compulsório pela paternidade, já que ele mesmo se identifica como homossexual em uma sociedade marcada pelo binarismo, onde homossexuais não deveriam ser pais, ou se tal desconhecimento se deve mais à masculinidade propriamente dita. A pergunta é pertinente, já que, ao tomar conhecimento da paternidade do companheiro, Roberto passa a expressar o desejo de ser pai.

Eu não me envolvo com atividades do tipo trocar uma fralda, dar um banho, eu não faço isso. Preparar uma mamadeira... eu não sei nem como faz uma mamadeira de leite quente para uma criança (risos).

Ele sugere uma divisão de papéis, anunciando o que seria próprio da paternidade, mas não avança na diferenciação.

Não que não possa aprender, mas ele assume esse papel. Eu faço outras atividades. Enfim, é o exercício da paternidade que determina essa divisão. Ele faz questão de não perder esse vínculo, ele é o pai e toma pra si essas responsabilidades.

Parece que sua intenção, ao definir a paternidade do *outro*, não era pensar no *seu* lugar, mas destacar as responsabilidades que a paternidade impõe, quase como se houvesse algo intrínseco a esta mesma paternidade e que não caberia a ele exercer. Vemos aqui um claro exemplo de identidade naturalizada, quando nosso entrevistado se distancia da criança, não definindo bem seu lugar na relação. Na teoria *queer*, a proposta é exatamente relativizar a naturalização desta identidade e não negá-la.

Portanto ajudados por Foucault (1979), é possível observarmos como o poder não atua simplesmente oprimindo ou dominando o sujeito, mas age na sua construção, regulando e disciplinando os papéis sociais. Desta forma, analisando a fala de Roberto, constatamos que Foucault acerta ao afirmar que os discursos reguladores são os mesmos responsáveis pela produção do sujeito.

Eu me sinto mais como um grande observador: ou aprendendo ou observando para que as coisas fiquem dentro da normalidade, se alguma coisa estiver sendo exagerada. A gente quando tá brigando com as crianças, que é o papel paterno, de colocar as crianças no corretivo, eu fico como observador nesse momento. Do tipo... “você tá brigando demais”, ou então “olha, nisso aqui você deveria ter brigado um pouquinho mais, devia ter corrigido, isso pode dar um problema futuro...”. Então eu fico mais nesse posicionamento de aconselhador mesmo.

Thiago (24) também aponta dificuldades em se aproximar do filho do companheiro. Identifica que tem ciúmes e não parece estabelecer uma relação com o menino que tem 7 anos. Ninguém contou para o menino que eles são um casal, talvez por isso a provocação:

É difícil conviver com o filho do (...), principalmente quando ele faz perguntas em relação ao pai se casar de novo... O garoto já tem sete anos, ele percebe alguma coisa... sete anos parece bebê, mas não é não! Por outro lado, eu amo ele... poxa, nem me fala! É muito especial esta experiência.

A fala de Felipe (19) exprime sua percepção de ocupar um lugar secundário, e se pensarmos na noção de performatividade Butleriana, vemos como a co-parentalidade, assim como o gênero, só existe enquanto performance, ou seja, enquanto repetição das normas sociais que produzem a ilusão de que algo é produzido pelo corpo do sujeito (Butler, 2003). O gênero, assim como a parentalidade ou mesmo a co-parentalidade, são realidades fabricadas que necessitam da constante repetição em atos e performances. Como Felipe jamais exerceu o papel parental ou co-parental antes, busca normas internalizadas que ainda não existem, causando, assim seu desconforto.

Ser pai por tabela é o cara que dá o passe pro gol, mas quem marca é o artilheiro... ninguém quer saber quem passou a bola pro maluco...o tesão do gol é de quem faz a parada..então é isso..às vezes parece que rola essa onda.

Assim como Thiago, Felipe topa ser “titio”, como ele mesmo se define, em função do amor pelo companheiro. Contudo, em nenhum momento é mencionada alguma dificuldade em assumir a co-parentalidade em função da orientação sexual do casal.

Quando eu soube que ele tinha 2 filhos eu gelei. Ele só me falou alguns dias depois que a gente começou. Caraca, to muito novo pra ser titio! Mas aí o amor falou mais alto e eu vim morar com eles.

Como as crianças não moram com a mãe, aumenta a responsabilidade de Felipe que passa a se sentir na obrigação de servir de exemplo para as crianças.

A mãe não ta nem aí mesmo. Só quer saber de cheirar: é chinceira. Aí é complicado. O (...) é o oposto. Aí, eu tenho que seguir o exemplo dele pras crianças terem dois exemplos, né? Porque a mãe, babou... aí eu fico lá tipo... Dando uma de bom moço.

Felipe nunca havia pensado na possibilidade de paternidade, até que surge a situação do companheiro, que desperta sua vontade. Porém, sua posição seria o que a teórica *queer* Judith Butler classificaria como “híbrida”, ou seja, sem nome claro e indefinida, em função de fronteiras variáveis e práticas legitimadoras que entram em contato desconfortável e às vezes conflituoso umas com as outras (Butler, 2002).

Filho pra mim, filho meu mesmo, da minha carne, nunca pensei. Mas depois que o (...) entrou na minha vida eu to só sacando essa onda de ser pai. Eu ajudo em muita coisa, fico lá só na reserva... mas você sabe que até é uma viagem? Quem sabe eu não faço um também, né?Eu fico lá, sendo pai sem ser pai... mas agora, não.

5.1.2

Desejos por um filho biológico a partir da experiência de co-parentalidade

Ao serem perguntados sobre a experiência de constituir uma família dita homoparental, todos os sujeitos sinalizaram na direção do desejo de ter também um filho biológico.

Estudando as respostas dos entrevistados é interessante perceber como o grupo pesquisado parece viver um dilema criado a partir do binarismo hetero/homossexualidade que se traduz em bancar uma paternidade não-biológica (possivelmente com menos reconhecimento social, acarretando sofrimento e exclusão e talvez por isso recusada por todos os sujeitos), ou assumir o desejo deste reconhecimento, reforçando a visão binária e reducionista da sexualidade, buscando uma legitimação seletiva dentro do grupo homossexual através da paternidade natural, que supostamente elevaria o indivíduo à outra esfera na hierarquia social tanto no meio homossexual como na sociedade como um todo. O problema desta busca de legitimidade pela biologia está no fato de ela parecer ser fruto do que Butler (1993) chama de “*heterossexualidade compulsória*”, que atua como mecanismo regulador no desejo e na sexualidade.

Com isso, estariam fora desta legitimação os homossexuais solteiros, os que optam por não praticar a monogamia ou mesmo os pais adotantes. Vejamos como essa visão está clara na fala de nossos participantes.

Roberto parece ter mesmo uma posição bastante conservadora a respeito da paternidade, enfatizando seu caráter “natural”, expressando claro desejo de “ter um filho biológico”, refutando a possibilidade de adoção, possivelmente influenciada pela experiência do parceiro e pela força de uma sociedade hetero-normativa, onde um filho biológico o elevaria a um status diferenciado, mesmo dentro de sua comunidade. A teoria do bio-poder de Foucault (1993) pode ajudar-nos a entender a necessidade de um filho biológico, não só de Roberto, mas de todos os entrevistados, ao vemos as marcas do poder de uma sociedade hetero-normativa nos corpos dos sujeitos que exercem a co-parentalidade, quando se recusam a ter um filho adotado. Estes devem ser naturais, filhos da carne, aproximando-se o máximo possível de uma parentalidade ditada pelas normas sociais vigentes em nossa cultura.

Já pensei, sim! (risos). Já pensei porque eu acho que é da natureza humana. Isso independe da opção sexual. Sabe, eu acho que a prole, no sentido mais animal, é tão natural que não há um ser vivo que não tenha, que não passe por isso... é do instinto, tá no nosso DNA, independente da opção sexual, uma coisa não tem absolutamente nada que ver com outra. Uma planta... você joga uma semente na terra e já fez um filhinho...é isso. Tão natural!

Os teóricos *queer* denominam de *dispositivo da heterossexualidade compulsória*, o sentimento que revela tanto o caráter social e histórico da heteronormatividade quanto sua relação com a dita oposta homossexualidade (Miskolci, 2006). Nas duas afirmações de Roberto que se seguem é possível entendermos este conceito na prática:

Os programas de incentivo à adoção devem existir, mas acho que não combina comigo. Eu acho que o meu deveria ser biológico.

Pelos meus valores morais eu não me permito uma relação sexual fora do meu relacionamento. Eu não me permito isso. Eu acho que isso é que seria o grande problema. No casamento deve haver fidelidade, até na Igreja os noivos juram isso... Isso ficaria mais na minha mente, bloqueando meu psicológico pra que isso acontecesse. Esse seria o problema... teria que ter muito apoio dele e uma vontade muito grande que isso acontecesse da parte dele,mas eu acho que as formas não-convencionais de laboratório poderiam ser muito úteis nesse momento.

Thiago mostra-se igualmente inclinado à paternidade biológica, porém, diferente de Roberto, é muito claro com relação à influência que a coparentalidade teve nesta decisão. Estas respostas, reforçando a escolha por uma paternidade biológica confirmam o que Butler afirma, quando diz que o padrão heteronormativo da sociedade ocidental vê a homoparentalidade, de maneira geral, como algo que se afasta da natureza e da cultura dominante, centrando-se perigosamente na fabricação artificial do ser humano e até retratada como uma forma de “violência”.

Ter um filho de forma natural é importante porque desta forma você se sente mais pai... bem, pelo menos...olha só o meu caso: se eu tivesse um filho de tubo de ensaio, como eu iria conviver com o filho do meu parceiro que foi gerado naturalmente? E como ia ser essa troca de afeto? Não sei, eu não ia querer isso. Sou radical, eu sei, mas é assim que eu penso.

Mais uma vez, Thiago deixa claras as razões pela escolha da paternidade biológica.

Minha ex-esposa veio me perguntar se eu não queria ter um filho com ela. Não sei de onde ela tirou isso, mas mexeu comigo. Não que eu sinto tesão nela...é porque o meu marido tem filho. Se não fosse isso, eu nem ia considerar. Mas eu falei com ele e ele não gostou da idéia. Quem ia gostar, não é? Mas ter um filho inseminado parece que é gerar um filho de plástico. Não me atrai. Complicado isso.

A conflituosa relação da convivência da paternidade com a homossexualidade se revela em falas como esta, quando o companheiro deseja ter filhos e o outro, que já é pai, nem sempre gosta da idéia. Esta é uma das consequências esperadas de uma definição identitária cristalizada, em uma sociedade na qual, por ser identitária, cobra dos sujeitos assumidamente homossexuais que abdicuem voluntariamente da parentalidade em nome de valores heteronormativos poderosos. O que está claramente implícito nesta e em varias falas de nossos entrevistados é um preconceito internalizado, talvez reforçado por uma postura identitária.

“Meu namorado não gosta da idéia de eu ter filhos. Mas ele gostou da idéia dele ter, né? Tudo bem que foi antes do nosso casamento. Mas e daí? Ele já era gay... ou não?”

Felipe confirma o que Roberto nos mostra em suas respostas: a pouca experiência com crianças e, ao mesmo tempo, o forte desejo de paternidade, enfaticamente expressa em seu discurso como sendo biológica.

Um molequinho sangue do teu sangue correndo pela casa é uma parada que nem sei, acho que nem dá pra imaginar. Eu babo com os moleques do (...) já! Mas um teu, é teu!

De uma forma quase pueril, talvez devido a sua pouca idade, Felipe se assusta com idéia do cotidiano com um filho pequeno, parece que a responsabilidade o intimida, ao mesmo tempo em que o fascina.

O que mais me faz querer ter um filho é você olhar pro moleque e ver a tua miniatura ali na tua frente. Parece que você é imortal. Eu ouvi esse lance uma vez na TV e nunca esqueci. Mas sei lá... e as fraldas? Você chega e ele tá lá todo cagado, mijado... caraca! Isso não aparece em filme americano, né? É do capeta! (risos) Mas é maneira a idéia de ter filho, sim.

Finalmente, temos uma frase de impacto, proferida por Felipe no momento em que é perguntado se ele deseja ser pai.

Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco.

5.1.3

Relação do casal com os filhos: assumir a relação ou manter as aparências?

O conceito de heteronormatividade traz consigo a noção de regras produzidas na sociedade, que controlam o sexo dos indivíduos. Para tal, precisam ser constantemente repetidas e reiteradas a fim de dar o efeito de substância, de algo natural. Este efeito, como vimos anteriormente, é, segundo Butler, *performativo* (Butler, 2003), isto é, tem o poder de produzir aquilo que nomeia e, assim, repete e reitera as normas de gênero. A heteronormatividade presente em nossa sociedade permeia o discurso de praticamente todos os sujeitos entrevistados, que revelam valores heteronormativos internalizados na relação com seus filhos ou com os filhos do companheiro, através de várias contradições presentes em seus discursos. Além disso, os companheiros dos pais parecem ter uma tendência ao conservadorismo quando se trata das crianças, como se através

de um comportamento conservador, sua homossexualidade se “limpasse” um pouco, uma vez que não têm filhos, a exemplo de seus companheiros. Estes, ao contrário, mostram não se preocupar muito com isto, adotando uma postura mais liberal tanto em relação ao casal como em relação às crianças, com exceção apenas de um deles.

Na fala de Roberto, por exemplo, podemos observar a preocupação em permitir que seu companheiro estabeleça e reforce seu vínculo parental com as filhas e, ao mesmo tempo, o reconhecimento de suas limitações no trato com crianças. Contudo, Roberto nos lembra que apesar dessas limitações ele não deixa de participar.

Eu nunca tive o contato com crianças tão novas... a mais nova só tem dois anos...tem alguns cuidados que eu realmente não sei fazer. Então, até mesmo pelo fato dele ter esse contato íntimo com as crianças, de exercer a paternidade prática, no sentido de estabelecer vínculos, já que ele não está presente na maior parte do tempo, fisicamente falando, ele faz questão de exercer esses papéis de asseio, de cuidado, de higiene, de sentar pra ver um desenho juntos, de ver televisão, de... de brincar...ele faz esse papel. Não que eu não participe.

Um fator importante que muitas vezes provoca ruídos na comunicação do casal com as crianças são, como já vimos, valores heteronormativos internalizados pelo casal, que toma para si o “dever” de se comportar de acordo com as normas estabelecidas pela sociedade, fato deixado bem claro na fala de Roberto.

Nós temos zelo em especial... Não é preconceito, é zelo para nós não expormos as crianças a quaisquer amigos. Então não são todas as pessoas que a gente deixa ter contato, que conhecem. A gente tem um certo zelo. Existem certas pessoas que são mais... digamos... mais avantajadas no homossexualismo, aí a gente dá uma segurada. Não é que a gente não permita radicalmente... Isso não foi colocado pra fora tipo... ”olha, não vamos deixar que fulano veja as crianças”. Não, não é isso! Só que a gente não traz pro seio familiar, pra dentro da casa. A gente não convida, não chama, não recebe mas isso nunca foi grosseiro desse jeito... a maneira que eu to falando pode soar grosseiro e impositivo, mas não. É uma questão natural. A gente... por preservação a gente não deixa. Mas outras pessoas, não!

Outro exemplo de homofobia internalizada está presente no discurso de Thiago. O entrevistado enfatiza que não é o fato de não demonstrarem afeto na frente das crianças que significaria que eles teriam problemas em relação a isso. Este desconforto, contudo, se revela presente ao Thiago afirmar que o filho do companheiro é quem não estaria preparado para esta realidade.

Ao inferir determinado comportamento na criança, Thiago parece revelar seus próprios conflitos em relação a esta questão. Ao que parece. O que está em jogo aqui parece ser tanto a manutenção da relação *apesar* das crianças como a homofobia internalizada do sujeito homossexual que tomou para si uma identidade “inflexível”.

Ao receber demonstrações claras de afeto por parte do filho do companheiro, Thiago se emociona, não tanto pela demonstração de afeto em si, mas, antes, por ser esta uma “confirmação” de que a atitude do casal para com a criança está correta e adequada, dentro de uma relação que Thiago classifica como “delicada”. Mais uma vez surge o conflito entre a co-parentalidade e a homossexualidade.

A gente não dorme junto quando o filho dele tá lá em casa. Eu considero que isso é respeito. Não vem me dizer que isso é porque a gente não se aceita como gay. É simplesmente pela razão do garoto viver num tempo onde o pai dele não deve dormir com outro cara na cama. Quem sabe em tempos futuros isso mude? Mas agora não são tempos futuros. É o tempo presente.

A oposição *queer* à categoria homossexual/ heterossexual como norma que organiza as práticas sociais ganha mais sentido quando se percebe o efeito contínuo de alteração dos costumes que tal ação pode ter, através da fala de Felipe que, ao interagir com os filhos de seu parceiro, exerce a co-parentalidade sem se preocupar com sua orientação sexual nem fazer disso sequer uma questão. Ao mencionar a “situação delicada” na qual vive o filho do parceiro, se ajustarmos nossas lentes, podemos transpor facilmente a situação para uma família reconstituída formada por membros heterossexuais.

O (...) adora ver Padrinhos Mágicos na TV. Com isso, eu aprendi a gostar, porque o pai dele não tem paciência pra desenho. Mas eu tenho. Eu fico muito tempo lá... outro dia ele me disse que eu era o padrinho mágico dele. Putz! Eu

quase chorei. Já pensou ouvir isso do garoto de sete anos? E que tá vivendo uma situação delicada dessas? Nossa relação com ele não poderia ser melhor.

Mostrando-se bem mais confortável com sua sexualidade e o exercício da co-parentalidade, Felipe, ao contrario dos casais que não moram com as crianças, demonstra grande afinidade com os filhos do companheiro, não sendo esta relação, aparentemente, atravessada pelo estigma social da homossexualidade do casal.

A gente vai muito pro futebol. Eu sou vascaíno e o pai também. Eles até já têm camisa, chuteira, têm tudo do Vasco! O mais velho é bom de bola. O mais novo ainda não dá pra ver. Quando to jogando bola com eles até me sinto meio pai. A gente tem uma parada assim... muito maneira.

Talvez pela pouca idade e impulsionado pela curiosidade e descobrimento do novo, Felipe mostra-se estar bastante confortável com a orientação homossexual do casal e a paternidade do companheiro. Ao incentivar o namorado a demonstrar afeto mesmo na frente das crianças, Felipe rompe com um binarismo cruel que muitas vezes rotula e pune os desviantes da norma estabelecida pelo *mainstream*.

Ele ficava de onda de não me beijar perto dos pirralhos. Aos poucos eu fui mandando um papo pra mudar isso. Hoje a gente vê TV abraçado e os moleques do lado. Ninguém liga. Mas beijo só selinho. Acho que depois que o cara vira pai, encareta.

Ao contrario de Thiago, que alega estarmos em uma sociedade que não estaria pronta para que as crianças presenciem demonstrações de afeto do casal, Felipe usa esta mesma situação para justificar tais demonstrações. Com isso, podemos pensar se isto se deve ao fato de Felipe ser de uma geração mais nova, supostamente mais aberta à homoparentalidade.

A gente vive na boa. O mais velho sabe do nosso caso. Acho que nem liga porque ele se amarra na minha. E eu na dele. O pequeno ainda é muito pequeno (risos). Mas pequeno cresce, tá certo? Por isso, essa viagem de esconder deles tá furada. Ainda mais que eles tão lá todo dia. Nem rola.

5.1.4

Preconceito

Todos os entrevistados abordaram a questão do preconceito sem que tenha sido necessário mencioná-la. Portanto, concluímos que este tema deveria ser uma categoria a ser analisada.

Roberto nos descreve a história da construção de sua orientação sexual e como antes de assumir a relação com seu companheiro ele se via “obrigado” a se relacionar com mulheres, seguindo o padrão heteronormativo.

Para explicar este comportamento, Miskolci (2003) explica que a heterossexualidade é um meio privilegiado de socialização e assim somos aceitos na sociedade e nas principais instituições sociais. Roberto deixa isto bastante claro.

É difícil ser gay mesmo com paradas gays e beijos gays na televisão. Eu mesmo tive varias namoradas só para apresentar no trabalho e em casa. Agora eu assumi essa coisa de relação gay e acho que as crianças pesaram muito pra isso.

Felipe também descreve sua forma de lidar com a preferência por homens e o preconceito que enfrentou afirmando que só “saiu do armário” quando recebeu apoio necessário da rede de amigos.

O armário é uma forma de regulação da vida social de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, mas temem as consequências nas esferas familiar e pública. Sedgwick (2007) lembra que viver no armário é uma experiência muito forte na construção das subjetividades dessas pessoas. Evitando a rejeição familiar e social, a vida dupla contribui para manter suas instituições e valores.

Pra chegar pra geral e mandar que você gosta de homem, você tem que pular uma fogueira. Eu mesmo sentei na boca do boi até me assumir. Na real, só me assumi há pouco tempo. E teve um cara que eu conhecia que se assumiu na maior e todo mundo achou maneiro. Pô, se ele podia eu também posso. Meu medo era perder meus amigos, mas eles deram maior força.

É interessante observar nas palavras de Thiago as evidências das dificuldades em assumir o desejo por homens no Brasil, onde os estudos de Sedgwick (2007), apesar de importantes, devem ser relativizados, principalmente em função das particularidades culturais de nosso país. Corroborando o que nos mostra Miskolci (2003), quando afirma que, além do preconceito sexual, temos bem presente a discriminação em relação à classe social, além da diferença entre o homossexual de características masculinas e o mais marcadamente feminino, sendo significativa a divisão “ativo másculo e passivo afeminado”, transportando o binarismo homo/heterossexualidade para as relações entre os próprios homossexuais.

Bancar uma família assim, de dois homens, ainda mais com filho do outro no Brasil é dose pra leão... Todo mundo pensa que eu sou a bichinha, a ‘mamãe’ da historia toda, a passivinha... E muita gente me olha estranho por isso. Sei lá, as aparências enganam! Mas aí, fazer o que, né? Já era pobre e agora passivinha?(risos) Mas no final vale a pena, sim.

Felipe busca desconstruir a identidade social cristalizada do casal, apesar de ser lembrado pela vizinha que esta deve permanecer viva. Eis uns dos problemas de uma cultura calcada em binarismos, onde a desconstrução derridariana (Derrida, 1967) poderia contribuir para aliviar o preconceito contra minorias.

Uma vez uma vizinha nossa perguntou onde tava a mãe dos meninos. Claro que sabe que a gente é gay e tal e ela já viu a mãe deles quando ela veio de Curitiba. Essas coisas que são chatas porque todo mundo fica lembrando pra gente que a gente é gay. Sei lá, é baixo astral.

Assim como vários pensadores ao longo da história, Derrida (1967) nos lembra que a linguagem reflete aspectos importantes de determinada cultura e, através dela, podemos identificar como esta cultura está estruturada. Apesar de o preconceito (internalizado) de Roberto se voltar agressivamente para seus amigos efeminados, é contra a linguagem criada a partir deste comportamento que sua insatisfação recai de maneira mais contundente. Assim, caminhamos com Derrida ao concordarmos que a linguagem é um importante elemento de construção e perpetuação de identidades cristalizadas e de binarismos perpetuadores das relações de poder na sociedade. Ao se referir sobre a linguagem usada por seus amigos mais efeminados, Roberto é taxativo ao afirmar que ela é indicadora de comportamentos não adequados ao convívio com os filhos do parceiro.

Preconceituoso acho que não sou, não... Mas os gays muito feminilizados... bem, tenho pudores quando levo alguém assim lá em casa. Quando as crianças estão conosco não levo, não. Na verdade tenho meio que compaixão... meus amigos mais femininos sofrem muito preconceito...no sentido de que está óbvio que são gays e isso ...já viu, né?Acabam sendo até xingados na rua. O povo não perdoa. Acho que dá pra ser gay, mas poxa, pra que querer imitar mulher?Além disso, quando é assim... muito feminino, normalmente falam quase um dialeto gay e isso é muito ruim... aí não dá. Imagina a confusão na cabecinha das meninas. Então a gente evita mesmo.

Na sua teoria da performatividade, Butler concebe a sexualidade como algo que se constrói através da “*repetição estilizada do corpo*” (Butler, 2002) que, com ações repetidas e guiadas por um poder social regulador, se solidifica a ponto de parecer natural e permanente. Thiago expressa e atualiza esta performatividade quando revela que não conseguia adotar uma criança quando era solteiro pois, para ele, há determinada norma social que impede que homens solteiros adotem crianças, sob pena de serem taxados como homossexuais e, conseqüentemente sofrer preconceito. Ele espera estar em uma relação estável para só então considerar trabalhar este desejo, voltado agora para um filho biológico, influenciado pela paternidade do parceiro.

Depois que me casei eu fui pai por tabela e eu sempre penso ter filhos. Adoção não... meus de verdade. Antes de casar até pensava em adotar e o problema era que o cara solteiro que adota uma criança é quase que uma confissão gay. E aí, a criança e eu... A gente ia sofrer preconceito porque pai gay assim... sozinho... não deve ser fácil..

Partindo do pressuposto que o preconceito contra homossexuais é uma construção sócio-histórica (Foucault, 1984), pode-se compreender a representação social que Roberto exerce para a mãe de seu companheiro e como ele lida com isso.

A mãe do meu companheiro me acha uma aberração. Ela mesma usou este nome. Ela diz que o filho dela pelo menos se casou com mulher e tem duas filhas dele... Já eu, sou viado mesmo e foi culpa minha que o filho dela caiu no pecado. Ela é maluca. Mas mesmo maluca, dói ouvir isso. Pelo menos ela fala na cara, né? Tem gente que torce o nariz quando vê nós dois com as meninas num restaurante, por exemplo. Imagina o que essa gente pensa! É melhor nem pensar (risos).

O preconceito internalizado, principalmente dos companheiros dos pais, está bastante presente na fala dos sujeitos. Mais uma vez, Roberto é um exemplo disso, ao deixar explícito o incômodo que sente em demonstrar afeto pelo parceiro na frente das crianças, afetando a relação do casal com elas, pois normalmente há uma dissimulação da relação conjugal quando os filhos estão por perto. A relação dos casais, a exemplo de Roberto e seu parceiro, de maneira geral, parece ser atravessada por conceitos heteronormativos e até mesmo por uma homofobia internalizada que muitas vezes exerce papel importante na trajetória da parentalidade homossexual, principalmente quando ela se dá posterior a uma relação heterossexual.

Por homofobia internalizada devemos entender o medo que muitos indivíduos têm da própria homossexualidade, ainda que de uma forma pouco consciente. Um processo que, por estarmos inseridos em uma sociedade de valores identitários cristalizados, contraria padrões culturais e expectativas sociais, podendo gerar, em função destas mesmas identidades naturalizadas, sentimentos de repulsa, pena, tolerância, aceitação e só posteriormente, através de

elaboração, transformar-se em apoio, admiração, apreciação e até estímulo. Por ter passado por este processo, o sujeito pode ter sentimentos de dúvida capazes de comprometer o seu desempenho parental, graças a uma identidade homossexual internalizada na qual os coloca como excluídos da possibilidade de formar uma família com filhos (Auerbach, Carl e Silverstein, 1999).

Quando as crianças estão lá, a gente não dorme junto, muito ainda, eu acho, por questão de respeito à cabecinha das crianças... deixar que o tempo passe um pouco mais pra que a gente possa se reestruturar e apresentar as coisas como elas realmente são. É uma questão de respeito ainda, afinal somos dois homens. Eu acho que a gente precisa de um tempo pra maturar essas coisas, ainda mais a cabeça de uma criança que só tem seis anos de idade e dois homens se beijando não é muito normal para a criança, assim de cara.

5.1.5

Paternidade homossexual

Ao ouvirmos os pais biológicos, é interessante perceber que, de modo geral, existe um menor grau da necessidade de “normatização” através de um comportamento marcadamente conservador, presente na maioria dos companheiros dos pais aqui entrevistados. Fica a pergunta se este fato se deve à paternidade biológica servir como fator de inserção e maior aceitação social, o que não acontece com os homossexuais sem filhos. Embora a relação de reciprocidade e afeto com a criança evidentemente exista na co-parentalidade homossexual, esta não é vista ainda como produtora de alianças definitivas. Como explica Anne Cadoret (2002), na co-parentalidade a aliança é separada da filiação. Ao se tornarem pais “os sujeitos investigados restabelecem a linha de continuidade e ocupam o lugar de parceiros nesse circuito de dádiva que são as relações de parentesco (Tarnovski, 2002)”, tirando de suas costas o fardo de uma dívida social. Diego, por exemplo, se mostra bastante confortável com a homoparentalidade e com sua postura abertamente homossexual no que se refere aos laços sociais.

É normal pra mim ser pai das minhas filhas e ta morando com o Roberto. O dia que pagarem as minhas contas, ai eu vou pensar no que os outro acham disso. Até lá, cada um que cuide do que é seu, que já não é fácil.

Henrique reflete em seu discurso a tendência atual de integração, muito mais do que afirmação de uma identidade, corroborando com o que diz Foucault (1993), quando afirma que a escolha do objeto não necessariamente sedimenta uma identidade.

Homofobia antigamente existia em qualquer lugar. É difícil lidar com o diferente, mesmo. Mas aos poucos eles foram percebendo que somos iguais a eles e nos olham menos virado. Eu sempre digo que a gente é diferente pelo que a gente é na vida e não pelo que a gente faz na cama. Antes eu era casado com uma mulher e tive dois filhos e era feliz. Hoje estou com Felipe e estou feliz. No fim das contas, a gente é como eles, e acho que eles estão entendendo isso... Bom pra eles, porque o poder judiciário já entendeu faz tempo (Risos).

Diego se mostra seguro quando fala a respeito das filhas e sua relação homossexual. Ao discorrer sobre sua rotina conjugal sempre inclui as filhas e ressalta a importância de seu parceiro no que diz respeito à vida familiar, embora sinalize para a feminilização do companheiro no contexto familiar, possivelmente legitimado pela condição de pai biológico.

Olha, o Roberto tem sido super importante porque eu não tenho muita paciência quando minhas filhas ficam de manha. Ele sempre tá lá, do lado delas... eu acho isso legal.

Fazendo um breve resumo a respeito de cada um de nossos sujeitos, podemos verificar que Felipe, o mais jovem de todos, com 19 anos, parece ser uma exceção: além de ser o mais adaptado à nova realidade do exercício da coparentalidade homossexual, a utilização de um tom bastante descontraído é uma constante em seu discurso, demonstrando a atitude que quer compartilhar. Sempre despojado e muito descontraído durante as entrevistas, Felipe não adota em nenhum momento de sua fala uma postura de vitimização (presente no discurso dos outros dois companheiros entrevistados) não sendo, portanto, atravessado pelo

estigma negativo da homossexualidade como identidade cristalizada. Esta postura parece trazer aspectos bastante positivos para Felipe, como por exemplo a ausência de culpa, assim como sua orientação sexual não o inserir em nenhuma categoria estanque.

Realidade bastante diferente encontramos no discurso de Roberto. É visível o preconceito internalizado quando, por exemplo, explica porque evita convidar determinados amigos para sua casa quando as crianças estão presentes: “*alguns são mais avantajados no homossexualismo*”, justifica-se. Roberto mostra grande desconforto ao conviver com homossexuais mais feminilizados ou com aqueles de estilo de vida menos convencional, apontando para a necessidade de se “*escolher bem*”, os amigos que podem freqüentar sua casa, com o intuito de “limpá-la”, através de um severo controle da conduta moral, aproximando-se ao máximo de um modelo familiar heteronormativo. Outro exemplo desta tentativa de moralização é a forte preocupação com qualquer tipo de relação fora do casamento, taxadas como “inadmissíveis” por Roberto, chegando ao ponto de estar disposto a abrir mão de uma possível paternidade natural, desejo que expressa por diversas vezes, a fim de preservar a instituição da monogamia, uma vez que é taxativo em relação a forma que esta paternidade se daria: d+everia ser natural, embora o sacrifício da monogamia seja uma barreira quase intransponível. Mais adiante, talvez ouvindo seu próprio discurso, Roberto muda de idéia e sugere que técnicas artificiais poderiam ser úteis, embora não pareça ainda muito convicto disto. Esta contradição em sua fala parece nos conduzir para um conflito interno no qual o desejo da paternidade se choca com sua condição homossexual. Fica a pergunta, no sentido de sabermos se este conflito se deve, ao menos em parte, pelo fato de seu companheiro ser pai e ele, anda não.

Thiago, a exemplo de Roberto, e talvez por ser mais velho que Felipe (Thiago tem 24 anos e Roberto, 31) também mostra uma considerável preocupação com a conduta do casal quando as crianças estão presentes. Talvez o fato de já ter tido uma relação heterossexual anterior, o desejo por uma paternidade biológica se mostra muito presente em sua fala, a ponto de afirmar, em determinado momento, que quando era solteiro não pensava em adotar uma criança, sob pena de ser taxado como homossexual em seu meio. O questionamento que podemos propor aqui é se o fato de ter sido casado com uma mulher e não ter tido filhos, o coloca em posição diferente de seu companheiro,

não só em casa, mas no círculo social do casal. De qualquer maneira, é interessante observarmos que a noção de uma identidade cristalizada em Thiago faz com que se deflagre uma crise, na qual, ao mesmo tempo em que afirma ajudar o companheiro a cuidar das crianças, diz que vivemos em uma sociedade na qual as mesmas não estão prontas para compreender a relação homossexual do pai, e mostra bastante dificuldade de aproximação com as crianças que, inclusive não sabem, ao menos “oficialmente”, que eles são um casal.